

Lacan, hermeneuta hermético herético
ou
A construção de um estilo¹ (1)

Antônio Guinho²

Lacan, hermeneuta hermético

Há aqui dois **Hermes** em jogo, sendo o primeiro a divindade da pré-Grécia antiga, mensageiro dos deuses e patrono da eloquência e que por ser considerado **patrono da comunicação e do entendimento humano** é também considerado o patrono da Hermenêutica, ramo da Filosofia que estuda a teoria da interpretação, que pode se referir tanto à arte quanto à prática e o treino de interpretação dos significados expressos textualmente.



O termo “**hermenêutica**”, do verbo grego *hermēnéueine*, significa declarar, anunciar, interpretar, esclarecer, traduzir, tornar compreensível.

O termo **hermeneuta** também se refere à pessoa que se especializa na leitura e na interpretação de livros sagrados e antigos, geralmente de teor religioso ou filosófico.

Lacan dedicou toda a sua vida a ser o hermeneuta dos textos (sagrados?) de Freud.

¹ Texto apresentado em reunião da Intersecção Psicanalítica do Brasil-IPB em 20.11.2020.

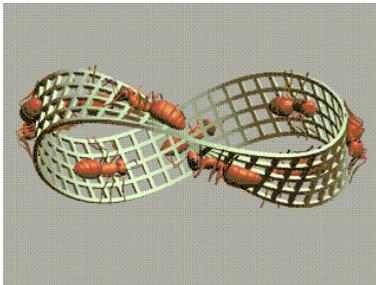
² Psicanalista. Membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil e membro fundador de Interlocação em Desenvolvimento Infantil. Professor da pós graduação em Autismo e Psicanálise da FAFIRE.

O segundo, **Hermes Trismegisto** (três vezes grande), teria sido um filósofo de existência incerta, de quem se diz ter sido contemporâneo de Moisés ou, talvez, de eras ainda mais priscas, de 1.500 a.C ou mesmo de 2.500 a.C., é também identificado ao deus egípcio Thoth.

Acredita-se ter sido um legislador e filósofo egípcio que teria escrito seis livros sobre Medicina e 36 sobre Teologia e Filosofia, à qual se deu o nome de **hermetismo**, possível fonte de inspiração para Sócrates, Platão e Aristóteles.



Thoth



A esse filósofo de existência incerta que viveu em época não sabida atribuem-se aforismos “herméticos” tais como “O que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora”, que ao longo dos tempos deu margem a inúmeras interpretações por parte dos seus inúmeros hermeneutas e que Lacan ilustra muito bem no Seminário XI, “A angústia”, com a **banda de Möbius**.

Teria sido Lacan tributário desses dois Hermes? Se sim, de que forma, quando, ao que parece, são as duas figuras míticas radicalmente contraditórias?

O primeiro Hermes, mensageiro dos deuses, buscava a comunicação e o entendimento humano e, como patrono da Hermenêutica, a adequada interpretação dos significados expressos textualmente, empenhando-se em interpretar, esclarecer, traduzir, tornar compreensível.

Do segundo, o de Trismegistus, deriva o termo hermético, que significa difícil de entender e/ou interpretar, obscuro, ininteligível. Seus textos são de natureza aparentemente indecifrável. Sendo Lacan um hermeneuta, um decifrador de códigos, por que tão hermético, o que parecia e ainda parece, aterrorizar tanta gente?

“Ninguém gosta de se sentir pouco inteligente. São raríssimas as pessoas que, tendo lutado para entender os *Écrits* de Lacan, não tenham se sentido vulneráveis intelectualmente. Essa vulnerabilidade torna-se exacerbada quando um seminário ou ensaio lacaniano é recomendado como material de leitura por um amigo ou professor respeitado. Vulnerabilidade que pode se transformar rapidamente em frustração, intimidação e até mesmo cólera.” (GLYNOSL e STAVRAKAKISLL)

Para Michel Foucault “o hermetismo de Lacan é devido ao fato de ele querer que a leitura de seus textos não fosse simplesmente uma ‘tomada de consciência’ de suas ideias. Ele queria que o leitor descobrisse, ele próprio, como sujeito de desejo, através dessa leitura. Lacan queria que a obscuridade de seus Escritos fosse a própria complexidade do sujeito, e que o trabalho necessário para o compreender fosse um trabalho a ser realizado sobre si mesmo. Quanto ao ‘terrorismo’, observarei apenas uma coisa: Lacan não exercia nenhum poder institucional. Os que o escutavam queriam exatamente escutá-lo. Ele não aterrorizava senão aqueles que tinham medo. A influência que exercemos não pode nunca ser um poder que impomos.” (p.298-299)

Como decifrar o indecifrável? Como fazer compreender o incompreensível? Como apreender o inconsciente, inapreensível pelas vias do consciente?

Lacan, o herege

Como Lacan poderia ser acusado de heresia, quando, além de hermeneuta da obra de Freud foi também seu **exegeta**, ou seja, um comentarista, um intérprete, aquele que faz a análise detalhada de um texto ou de uma obra literária. Mais ainda: um **apologista**, como aquele que enaltece, defende de forma apaixonada, justifica, elogia uma doutrina, uma ação, uma obra.

Como um hermeneuta exegeta apologista pode ser visto como um herege?

No seu processo de excomunhão da IPA (International Psychoanalytical Association) Lacan compara-se a Spinoza, considerado o fundador da crítica bíblica moderna, punido pela Sinagoga Portuguesa com o *chérem*, o equivalente hebraico da excomunhão católica.

Seria Lacan de fato um herege?

Apontando Lacan como o herege dos hereges, cometendo uma heresia contra o seu próprio ensino, no texto “O *sinthome* como a heresia teórica de Lacan”, Pedro Tavares procura demonstrar como, no controvertido Seminário 23, “Lacan nos leva à transformação do conceito psicanalítico

de sintoma na categoria de *sinthome*, defendendo a ideia de que o mesmo possa ser compreendido como uma espécie de nova e ‘herética’ maneira de articular os registros do Real, do Simbólico e do Imaginário (RSI)” (...) “Da ligação ao elemento paterno-divino, trinitário (tanto em relação à organização borromeana como em relação à trindade católica), passa-se ao aparentemente caótico e mundano do ‘diabo a quatro’ (do nó borromeu acrescido da quarta consistência e dos quatro elementos da matéria no mundo secular).

“No próprio título do referido Seminário, *Le Sinthome*, está colocado em ato este recurso. Ali, podemos constatar a grafia francesa antiga para um termo bastante corriqueiro e de grande importância no vocabulário psicanalítico. Mas, lendo-o como palavra-valise, podemos de ali obter, além de

sintoma (**symptôme**), também
santo-homem (**saint-homme**),
pecado-homem (**sin-t-homme**) e quase, como será sugerido,
São Tomás de Aquino (**Saint Thomas** d'Aquin), autor que inspirou James Joyce.

“Um santo é evocado para tratar da heresia joyciana com a qual o psicanalista se identifica e aporta o invento em questão. Caberia aqui introduzir o outro aspecto do tropo: o RSI, a leitura da sigla em francês, faz o jogo homofônico com a heresia (RSI/hérésie). Essa sigla dá conta de algo central no ensino de Lacan, o que ele chamou de os três registros da experiência psíquica: o Real (R), o Simbólico (S) e o Imaginário (I). Essa seria a (santíssima) trindade do lacanismo, cujo próprio inventor vem retorcer ou heretizar ao fim de seu ensino para, contrariando a opinião de muitos de seus ouvintes, reinventar o que estava na base de seus postulados.”

“Os conceitos do referido seminário estão longe de ser uma unanimidade inclusive no próprio meio psicanalítico. Há analistas que se embaraçam ao se referir a este ‘último Lacan’, dizendo que sua insistência com os nós topológicos e com os jogos de palavras seriam anódinos, irritantes e que ali ele já não mais falaria pela Psicanálise.”

Para além do trocadilho homófono RSI/Hérésie, o que está em jogo é que Lacan comete o sacrilégio de pensar com liberdade, falar em nome próprio e construir um estilo próprio, comportamentos inadmissíveis num âmbito religioso. Quem autoriza, dentro da Instituição, a liberdade de pensamento, a construção de um estilo próprio? Como superar as “barreiras

invisíveis”, o medo de falar na primeira pessoa do singular? Como ter um estilo próprio sem transgredir?

Lacan e o Conde de Buffon

Lacan inicia a abertura da coletânea *Écrits*, conjunto de textos produzidos pelo autor no período de 1936 a 1966, com esta sentença: "O estilo é o próprio homem". Nos dias atuais seria mais adequado dizer-se "O estilo é a própria pessoa". Essa frase, "Le style, c'est l'homme même", pronunciada na Academia Francesa em 1753 por George-Louis Leclerc, o Conde de Buffon, tornou-se famosa até os dias de hoje, sendo o discurso que a enuncia considerado um dos melhores de todos os tempos pronunciados naquela Academia, impressionando figuras do porte do poeta Baudelaire.

Àquela época era natural que um cientista natural se comportasse como um escritor (de romances). Para Buffon não importa somente *o que se diz*, mas também *o como se diz*. Seu objetivo não é apenas instruir seu público, mas diverti-lo instruindo.

Por qual motivo Lacan coloca essa referência como a primeira frase da apresentação da sua obra?

Seria o prenúncio ou o anúncio da construção do seu reconhecido estilo próprio? De fato, segundo Leclerc, o estilo é a expressão máxima do indivíduo, a tradução do seu próprio caráter.

Mas a fórmula de Buffon *Stilo primus, doctrina ultimus* cai em desgraça e se antes os seus trabalhos eram elogiados pelo seu valor enquanto entretenimento, são agora considerados meros *romans scientifiques*.

Lacan, logo em seguida à sentença "O estilo é o próprio homem", acrescenta que (...) "a imagem da roupagem que adorna Buffon ao escrever está aí mesmo para manter a desatenção." E pouco adiante se refere a "(...) um outro estilo, que prefigura o melhor de nossas reportagens bufas...", claramente uma insinuação pejorativa ao Conde de Buffon, sabidamente um grande escritor erudito com domínio de variadas áreas do saber humano.

Por que essa referência a Buffon em Lacan, ele mesmo considerado um erudito cujo estilo é interrogado?

A construção de um estilo

A prática clínica

O ato analítico é um acontecimento de extrema solidão, de única responsabilidade do analista. Não há receitas. Freud não deixou muitas pistas. Escreveu, deliberadamente, muito pouco sobre a técnica. O analista aprende sobre a técnica na sua própria análise, consubstanciada pelo legado teórico de Freud. Eleger o momento do silêncio, da pontuação, da interpretação, do corte, e criar a forma de fazê-lo, pode revestir-se de beleza. Ou não. Cabe ao analista a responsabilidade de criar a bela ou a besta, esta, aliás, uma referência de Freud à Psicanálise.

A escrita

É necessário que o analista escreva como forma de dar conta da sua prática clínica e como recurso de elaboração de restos inanalísáveis da sua própria análise. É preciso que ele fale e escreva na primeira pessoa, e, portanto, como analisante. De certa forma, a escrita é um recurso - ao lado da própria análise - para a construção do seu mito individual. [Bem como para dar conta da sua própria loucura, como Joyce com a sua escrita]. Sendo assim, a única forma de fazê-lo é através de um estilo peculiar, idiossincrático.

Obstáculos à construção de um estilo

Observa-se, todavia, que nem sempre o analista consegue construir o seu estilo. Ao invés disto, constrói uma colcha formada de retalhos transferências: ao seu analista, ao super-visor (ou co-visor?), aos textos de Freud, Lacan, etc.

Como fazer emergir o sujeito no analisante com seu discurso próprio, se o discurso do seu analista está alienado fantasmaticamente em outros discursos? O que impede o analista de construir o seu estilo próprio?

No afã de edificar uma nova teoria, atacado por todos os lados, qualquer questionamento se tornava insuportável a Freud. Os dissidentes eram alijados das hostes psicanalíticas. Para proteger a besta que acabava de sair do casulo, Freud a colocou sob o amparo de uma doutrina. Não havia espaço para o diferente.

Hoje, tendo a Psicanálise um *status* bem estabelecido em todos os campos do conhecimento humano, o diferente ainda ameaça bastante os subgrupos psicanalíticos. Há um verdadeiro patrulhamento ideológico àqueles que falam uma língua diversa: “mas isto não é Psicanálise!” - dizem. Prova disso foi expulsão de Lacan da IPA. Nesse caso a doutrina amordaça a teoria e a técnica.

Também contribuiu para a rigidez imposta aos pensantes, falantes e escreventes do meio psicanalítico, é provável, o fato de que em todos os países e desde o começo da Psicanálise, não tendo o estado mantido nenhuma ingerência sobre a prática psicanalítica - a psicanálise não é reconhecida oficialmente como profissão - isto oportunizou a criação de poderosos mecanismos de controle interno, em todos os setores, desde o enquadramento à produção teórica, constituindo-se em verdadeira censura à fala, à escrita e, em consequência, ao pensamento.

[Com a criação de inúmeros cursos de formação de psicanalistas Xing Ling, esta é uma discussão que merece muito tempo de dedicação dos atuais psicanalistas autênticos].

Freud propôs que os analistas se ocupassem de outros saberes. Ainda hoje questiona-se o namoro da Psicanálise com esses campos: resistência à psicanálise, dirão alguns. Pode até ser em alguns casos. Mas Lacan deu testemunho de que a psicanálise pode avançar por essas vias, como ele avançou através da linguística, da filosofia e até mesmo, quem diria, da matemática.

Este quadro é curioso quando atentamos para o fato de que na Psicanálise existe apenas uma regra: a regra fundamental da livre associação. Embora não tão livre pois que as associações estão presas à cadeia significante.

O medo à transgressão tem levado os analistas ao imobilismo, como se qualquer criação na prática analítica redundasse, necessariamente, em transgressão. Entretanto é possível criar sem transgredir, sem arredar-se uma palha do enquadramento psicanalítico, sem desobedecer à regra fundamental.

[Este fato fica muito claro nos progressos recentes no tratamento de pessoas no autismo, mesmo tratando-se de bebês.]

Usando um símile com as artes plásticas - como Freud gostava de fazer - o pintor cria há séculos, embora contando com o limitado suporte de um tecido, pincéis e tinta. Tudo circunscrito ao espaço limitado e previamente determinado do quadro, ou seja, sob rigoroso enquadramento.

Mas há ainda outro impedimento à construção de um estilo: a cadeira do analista é sempre muito grande para quem a ocupa. Afinal, trata-se da “cadeira do papai”, pois é o lugar do analista

do analista. A cadeira assusta, especialmente quando o analista se autoriza por si mesmo, como propôs Lacan - e foi muito mal interpretado. É necessário que haja bastante análise, o suficiente para que o analista desconfie do seu analista, para que o espectro desse deixe de pairar - como o pai de Hamlet - e a cadeira - enquanto significante - deixe de amedrontar e permita fluir um estilo.

Outro aspecto a considerar é que o analista, de tanto abdicar, apropriadamente, em proveito do analisante, de assumir o lugar de sujeito suposto saber que lhe é atribuído, termina por reivindicar alhures o lugar de reconhecido saber. Isto o leva a produzir uma “terminologia sofisticadora e superabundante” (citado do livro sobre computação “Medo de Windows, nunca mais, de Danny Goodman. A psicanálise não é o único terreno propício ao fenômeno!). O analista engendra um discurso feito para enganar, a quem? A si próprio, claro. Tropeçando nas próprias pernas, nem ele próprio compreendendo o que fala, mas impressiona... a alguns. Ou a si próprio. Freud, reconhecido saber, falou, deliberadamente, com extrema simplicidade.

(...)

Construir um estilo, criar sem transgredir, este é o desafio.

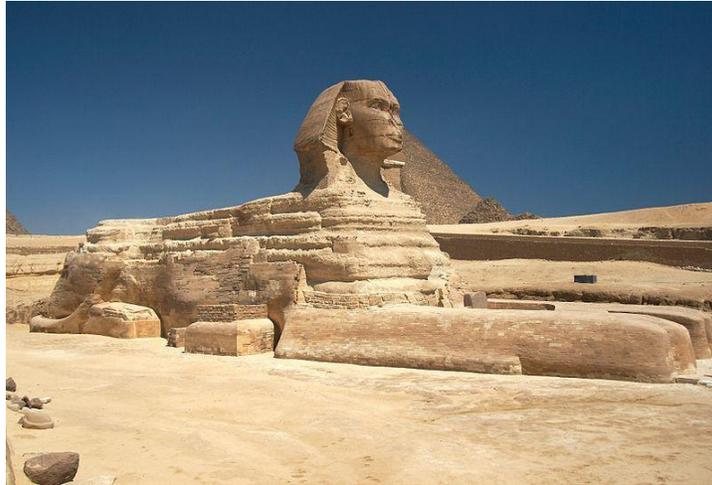
Finalizando, é bom lembrar que a única láurea que Freud recebeu em vida, foi o Prêmio Goethe de Literatura, pelo grande valor literário da sua obra. Por outro lado, Lacan situou a Psicanálise no domínio da *poiesis*, dizendo mesmo que teria sido melhor analista se tivesse sido poeta.

(Fim da Transcrição)³

Se a teoria freudiana pode ser comparada a uma maçã, que à primeira mordida já se saboreia o fruto, a teoria lacaniana poderia ser comparada a uma dura noz a ser quebrada antes de ser saboreada (por quem gosta).

Haveria uma esfinge à espreita daqueles entre **nós** que não conseguirem romper a dura casca da **noz** para a decifração dos **nós**, borromeanos ou outros?

³ Transcrição de trechos do texto “O lugar da criação na Psicanálise ou o espaço para o diferente”, apresentado na XI Jornada do Círculo Psicanalítico de Pernambuco, em 13 de agosto de 1994, pelo mesmo autor do presente texto.



Referências:

FOUCAULT, M. (1981). Lacan, o libertador da Psicanálise. In: Ditos e Escritos. Op.cit, 1999, v.1, p.298-299. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

GLYNOSL, J. e STAVRAKAKISLL, Y.

Posturas e imposturas: o estilo de Lacan e sua utilização da matemática. Ágora, v.4 n.2, RJ, jul./dez. 2001.

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000200009

LACAN, J. (1998) *Escritos*. Jorge Zahar Ed (p.9)

<https://drive.google.com/file/d/1LrCQAmSNrHrh49rtWM1llEaOCaIwBVR5/view?usp=drivesdk>

————— (1966) *Écrits*. Éditions du Seuil (p.9)

<https://drive.google.com/file/d/1E-ZK3SrzQ-WLxP8XgOXOEHeHJGbjovB/view?usp=drivesdk>

————— (1975/76) *Le Sinthome*.

<http://staferla.free.fr/S23/S23%20LE%20SINTHOME.pdf>

TAVARES, Pedro (2008) *O sinthome* como a heresia teórica de Lacan.

<https://doi.org/10.1590/S1516-14982010000100003>